



Três anos sem Mãe Bernadete: sua memória permanece viva na luta quilombola

No dia 17 de agosto de 2023, Maria Bernadete Pacífico, Mãe Bernadete, ialorixá, liderança do Quilombo Pitanga dos Palmares, defensora dos direitos humanos e integrante da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), foi brutalmente assassinada dentro de sua própria casa, no território quilombola, em Simões Filho, na Bahia.

Sua morte interrompeu uma trajetória marcada pela defesa da vida, do território, da ancestralidade, da cultura negra e dos direitos das comunidades quilombolas. Mas não interrompeu sua luta.

Mãe Bernadete se tornou símbolo da resistência quilombola e da luta de mulheres negras que, diante das violências e ameaças, seguem defendendo seus territórios e seus modos de vida. Sua história também carrega a dor de quem já havia perdido o filho, Flávio Gabriel Pacífico dos Santos, o Binho do Quilombo, assassinado em 2017, e que permaneceu lutando por justiça e pelo direito de seu povo.

Passados três anos de sua execução, a CONAQ reconhece como um importante avanço a condenação, em abril de 2026, de dois dos acusados pelo assassinato. O júri reconheceu a gravidade do crime e as circunstâncias qualificadoras do homicídio. Mas a justiça não pode ser parcial.

Outros envolvidos no crime ainda aguardam julgamento. Por isso, reafirmamos a necessidade de que toda a cadeia de responsabilização seja alcançada, garantindo investigação, julgamento e punição de todos aqueles que contribuíram para sua execução.

A condenação representa um passo importante, mas também nos lembra que a violência contra lideranças quilombolas não é um fenômeno isolado. Ela está diretamente relacionada aos conflitos territoriais, às ameaças, à presença de grupos criminosos e à insuficiência das políticas de proteção para defensoras e defensores de direitos humanos.

Mãe Bernadete estava inserida na política de proteção quando foi assassinada. Ainda assim, o Estado não conseguiu garantir sua vida. Esse fato exige reflexão e, sobretudo, mudanças concretas nas políticas públicas de proteção às lideranças ameaçadas.



Cobramos do Estado brasileiro medidas efetivas para garantir a segurança das lideranças quilombolas, o fortalecimento das políticas de proteção e a titulação dos territórios quilombolas. Proteger quem defende o território é também proteger o território e o direito à vida das comunidades.

Neste 17 de agosto, não lembramos Mãe Bernadete apenas pela violência que tirou sua vida. Lembramos a mulher que cuidava, liderava, ensinava, acolhia e enfrentava as injustiças. Lembramos a ialorixá que carregava a força de sua ancestralidade. Lembramos a quilombola que fez de sua existência uma trincheira em defesa de seu povo. Três anos depois, sua voz continua ecoando nos quilombos.

Sua memória está nas mulheres quilombolas que seguem ocupando espaços de decisão. Está nas lideranças que continuam defendendo seus territórios. Está nas comunidades que resistem às ameaças e lutam pelo direito de existir com dignidade. Está em cada quilombola que compreende que a luta de Mãe Bernadete também é uma luta coletiva.

Ela não será silenciada. Sua vida é legado. Sua luta é memória. Sua resistência é continuidade!

Seguiremos firmes na defesa dos territórios quilombolas, na proteção de lideranças e na construção de um Brasil onde nenhuma pessoa seja assassinada por defender seu povo, sua terra, sua ancestralidade e seus direitos.

Mãe Bernadete, presente!
Binho do Quilombo, presente!
As lideranças quilombolas assassinadas, presentes!
A luta quilombola continua!

**Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais
Quilombolas - CONAQ**

Brasília, 17 de agosto de 2026.